

INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES

DESTAQUES IPADES

Dezembro 2017

VÍRUS ZIKA SENDO SEGUIDO

O vírus zika chegou ao Nordeste brasileiro um ano e meio antes de ser reconhecido como inimigo público da saúde, segundo dois artigos de grupos distintos publicados na revista *Nature* de maio deste ano. Sua rápida disseminação contou com vários fatores: i) a presença do mosquito *Aedes aegypti*; ii) população humana cujo sistema imunológico não tinha defesas contra ele; iii) sintomas camuflados entre os da dengue e da febre *chikungunya*.

Com recursos diferentes e pesquisas em paralelo, pesquisadores têm um objetivo comum: monitorar a evolução do genoma viral, tanto para entender o que ocorreu como para prever surtos e manter os métodos diagnósticos atualizados. Uma dessas pesquisas é o projeto ZiBRA (Zika no Brasil Análise em Tempo Real).

Um laboratório móvel faz o sequenciamento genético investigando a trajetória do vírus zika desde que ele chegou ao Brasil e começou a se espelhar pelas Américas. Esse laboratório montado em um ônibus visitou em 2016 os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. As conclusões do projeto ZiBRA se baseiam na análise de 254 genomas completos do patógeno.

Foram 1.330 exames oriundos de 400 amostras de sangue de pacientes com suspeita de zika. “Quando dava positivo, o material genético do vírus era sequenciado”, informa o geneticista Luiz Carlos Alcântara da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) na Bahia.

O sequenciamento completo do genoma foi disponibilizado para outros grupos de pesquisa, ampliando o alcance do trabalho. “A combinação de dados epidemiológicos e genéticos nos permitiu perceber que houve circulação silenciosa do zika em todas as regiões das Américas pelo menos um ano antes da primeira confirmação do vírus em

maio de 2015”, diz o biomédico português Nuno Faria, da Universidade de Oxford, no Reino Unido, e primeiro autor do artigo que descreve os resultados do monitoramento realizado em 2016.

Segundo Faria, o vírus foi introduzido no Nordeste brasileiro em fevereiro de 2014. Naquele ano, é provável que tenha havido alguma transmissão pela região, mas não muito acentuada. “O grande surto aconteceu muito provavelmente em 2015, simultaneamente ao de dengue. Do Nordeste, o zika teria se espalhado para a região Sudeste do Brasil, inicialmente para o Rio de Janeiro, e também para o Caribe e outros países da América do Sul e Central, chegando à Flórida”, conta o pesquisador.

Além do pesquisador português, também coordenaram a iniciativa os pesquisadores Ester Sabino, epidemiologista do Instituto de Medicina Tropical da Universidade de São Paulo (IMT-USP), Nicholas Loman, da Universidade de Birmingham, Oliver Pybus, da Universidade de Oxford, e Marcio Nunes, do Instituto Evandro Chagas, do Pará.

Segundo as pesquisas, o vírus originário da África chegou à Ásia um pouco antes de 2007, quando causou a primeira epidemia na Micronésia. Depois novos surtos foram registrados nas Filipinas (2012) e na Polinésia Francesa (2013 e 2014). Em seguida atingiu o Brasil, onde o maior número de casos foi registrado até agora (em dezembro de 2016 passavam de 200 mil).

“Desde que saiu do continente africano, o vírus mudou bastante. Provavelmente, daqui a sete ou dez anos, a diversidade aqui nas Américas vai estar bem maior. Precisamos fazer a vigilância genômica para estarmos preparados se um novo surto vier”, recomenda Alcântara.

Será montado em Manaus um laboratório fixo para analisar amostras do Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia e Roraima. A região Centro-Oeste terá um laboratório móvel, e em março de 2018 está previsto este laboratório na região Sudeste. Também teve início uma segunda etapa do projeto na qual, além do zika, serão monitorados os vírus da dengue, *chikungunya* e febre amarela.

BRASIL SEDIARÁ VERSÃO DA MAIOR FEIRA DE ALIMENTOS DO MUNDO

Entre os dias 12 e 14 de março de 2019 o Brasil sediará a ANAFOOD Brazil, inédita no país. Trata-se de uma feira de negócios dedicada totalmente ao setor de alimentos e bebidas em geral tendo como modelo a Anuga a maior feira de alimentos do mundo,

realizado em Colônia, na Alemanha. A ANAFOOD Brazil será realizada em parceria com a FGV Projetos, unidade de assessoria técnica da Fundação Getúlio Vargas.

Por que no Brasil? Porque além de crescerem de modo sustentável, a agricultura e a indústria alimentícia brasileira possuem grande potencial para continuarem em expansão. Segundo a FAO, o Brasil, neste século será responsável por 40% da produção de alimentos no mundo. Também corrobora o sucesso da realização no Brasil, em 2014, da ANUTEC BRAZIL, na área de processamento de alimentos.

O foco inicial será em cima de produtos e produtores do Brasil e da América do Sul e atrair compradores internacionais importantes, além de importadores e representantes dos diversos níveis de distribuição da indústria alimentícia brasileira, ou seja, oferecer uma plataforma internacional para que as indústrias alimentícias brasileira e de outros países latino-americanos tenham acesso ao mercado global.

Como veículo de integração do Brasil ao mercado mundial, o evento pode esclarecer sobre assuntos regulatórios e de tarifas comerciais, de acesso às agências locais e às inovações dos mercados mais avançados.

Outro aspecto importante é a parceria com FGV, que terá atribuição fundamental na criação do conteúdo das conferências e dos seminários. Com seu know-how, a instituição poderá contribuir para o entendimento de mercado e o fortalecimento da indústria alimentícia voltada para exportação. Essa massa crítica ajudará na multiplicação de negócios.

Eventos como este são reflexos da posição que o Brasil já ocupa no ranking do agronegócio e da que ocupará no transcorrer deste século. A sociedade brasileira tem que se conscientizar que em termos de vantagens comparativas, o país não pode relegar a um plano secundário seu segmento agropecuário e florestal, e conseqüentemente, se orgulhar da posição de liderança nesses setores, a qual se confirmará no transcorrer deste século.

PORQUÊ O RISCO BRASIL NÃO ESPANTA?

É curioso que, apesar de todas as turbulências pelas quais a economia brasileira passa o risco-país não espante os investidores. A principal causa é o excesso de dólares no mercado internacional. Também contribui a percepção de risco com relação à economia mundial entre os investidores internacionais estar em um patamar baixo. Todavia, esse cenário é passageiro, e a conjuntura pode se reverter.

Esta é a conclusão ao se observar o Índice VIX – The Fear Index – publicado pela Bolsa de Chicago. Este índice é composto pela volatilidade dos contratos de opções associados ao S&P 500 da Bolsa de Nova York.

Por trás desse maior apetite pelo risco de mercado, não exatamente um otimismo com relação à expansão da economia mundial no futuro próximo, mas um conjunto mais limitado de opções de ativos para investimentos. Isto porque conforme a economia mundial tem se recuperado, o retorno proporcionado pelos títulos públicos das economias mais desenvolvidas tem ficado cada vez menor.

Essa conjuntura “força” os investidores que quiserem alguma rentabilidade maior (ou pelo menos, não negativa) a aceitarem riscos maiores. Desta forma, ações, ativos associados às commodities e às economias emergentes passam a ficar mais atraentes. Exemplo: as commodities minerais de empresas de países emergentes vêm se valorizando.

O risco-país do Brasil, medido pelo Emerging Market Bond Index (EMBI+), DO J.P. Morgan, caiu de 328 bps para 269 bps, mesmo nível que o país tinha em janeiro de 2015, quando o Brasil ainda era classificado como grau de investimento.

- A entrada de investimentos estrangeiros no Brasil ao longo do primeiro semestre foi de US\$ 36,3 bilhões, um aumento de 7,2% em comparação ao mesmo período de 2016.
- Dada a maior oferta de dólar no mercado cambial brasileiro, a taxa de câmbio tem operado no intervalo entre R\$ 3,10 e R\$ 3,20/US\$, apesar das turbulências.
- As cotações das commodities têm flutuado em patamares bem superiores àqueles observados no mesmo período do ano passado. As commodities agrícolas são exceções, devido às boas safras registradas ao longo do primeiro semestre deste ano.

Embora esse contexto de maior apetite pelo risco por parte dos operadores seja favorável à economia brasileira e ao universo agro, o país não pode cometer o mesmo erro da década passada e assumir como permanente uma conjuntura que, na realidade é temporária. Aos poucos e conforme a recuperação econômica ganha força, as taxas de juros nas economias centrais devem voltar aos seus patamares históricos. Isso tornaria as commodities e os ativos associados às economias emergentes novamente menos atraentes.

Porém, várias fontes de incertezas rondando a economia mundial continuam a existir: governo Trump; excesso de endividamento da economia chinesa; problema de terrorismo; instabilidade da Coreia do Norte. Qualquer evento desses pode aumentar

tanto a versão ao risco dos investidores, quanto a preferência deles por ativos mais seguros, mesmo que oferecendo um retorno tão pífio. De qualquer forma é bom aproveitar os ventos favoráveis, mas sabendo que a bonança é temporária.

PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE GRÃOS BATEM RECORDES

A safra 2016/17 representou um avanço sem precedentes para a produção de soja e milho. Com um recorde absoluto, as suas colheitas, atingiram 211 milhões de toneladas, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), divulgado em agosto. Desse total, 114 milhões correspondem a produção de soja, e 97 milhões a produção de milho.

Os resultados expressivos podem ser atribuídos a diversos fatores. O grande destaque vai para a aplicação de tecnologia no campo. São as melhores práticas de manejo do solo, plantio e aplicação de insumos (fertilizantes e defensivos), além do desenvolvimento de novas variedades de sementes com maior resistência a pragas e maior produtividade. O outro ponto fundamental e favorável para a obtenção desses resultados veio das boas condições climáticas ao longo do ciclo das lavouras.

Nesta safra, a produtividade média da soja alcançou 56 sacas/ha, 17% acima da verificada na safra 2015/16. Em algumas regiões do estado de Mato Grosso foram registradas produtividades impressionantes, ao redor de 100 sacas/ha. Também o milho obteve resultados expressivos nos índices de produtividade, com média de 93 sacas/ha, 33% acima da safra anterior.

Segundo especialistas, o comportamento da safra 2016/17 representou uma quebra de paradigma. Há uma mudança no patamar no que diz respeito à produção de grãos no Brasil. “É um caminho sem retorno”, afirma André Pessoa, consultor da AGROCONSULT.

Esse retrato é o resultado de uma dupla combinação entre maior investimento em novas técnicas e a expertise adquirida pelos produtores rurais. O controle sobre o momento adequado para iniciar o programa de plantio e aplicar os fertilizantes e defensivos faz a produtividade tomar uma trajetória ascendente.

Mas, sem dúvida, o clima é a variável imponderável. Por isso, há a necessidade do produtor aguçar a sensibilidade, e cada vez mais se assessorar no acompanhamento das previsões meteorológicas, buscando explorar o máximo potencial que o cenário apresenta em cada momento.

Essa produção teve reflexos nas exportações com 60 milhões de toneladas de soja e 30,7 milhões de milho embarcadas marcando um recorde. Para receber todo esse fluxo de grãos os portos brasileiros têm que operar em sua máxima eficiência, e o desempenho têm sido positivo. E para evitar o estrangulamento do sistema portuário tradicional, localizado nas regiões Sul e Sudeste do país, novas rotas e novos portos estão surgindo. É o caso do arco Norte com os portos de Porto Velho (RO), Itacoatiara (AM), Miritituba, Santarém e Barcarena (PA), Santana (AP) e Itaqui (MA).